

## Conjecturas Entre Indivíduo Empreendedor e Capital Psicológico

Luciano Gonçalves de Lima<sup>1</sup>  
Vânia Maria Jorge Nassif<sup>2</sup>

**Resumo:** As características consideradas para o comportamento empreendedor e as capacidades psicológicas que formam o capital psicológico se imbricam em referências positivas. Este artigo tem como objetivo trazer reflexões de possíveis convergências entre as características do indivíduo empreendedor e o construto do capital psicológico. Dessa forma foram apresentados alguns pontos fundamentais da literatura sobre indivíduo empreendedor e capital psicológico com o intuito de exibir especificidades dessas duas áreas. Ao final são exibidas a nosso ver, reflexões de determinadas convergências percebidas entre os dois campos de referência, finalizando com algumas considerações, e apontando necessidades de estudos empíricos.

**Palavras-chave:** Comportamento organizacional positivo. Capital Psicológico. Indivíduo empreendedor. Comportamento empreendedor.

### 1 Introdução

Estudos desenvolvidos na área de empreendedorismo e comportamento organizacional positivo (COP) têm apresentado convergências importantes entre essas duas áreas. Pesquisa desenvolvida por Lopes e Cunha (2007) apontam que pontes estabelecidas entre o comportamento organizacional positivo e o empreendedorismo podem contribuir para o desenvolvimento mais sustentado de ambos os campos. Segundo os mesmos autores o comportamento organizacional positivo pode contribuir com uma visão desenvolvimentista dos empreendedores, que facilite a sua caminhada ao longo das diferentes fases do empreendedorismo.

Buscando investigar essa contribuição, torna-se pertinente levantar reflexões sobre as capacidades psicológicas positivas de empreendedores, no que concerne ao otimismo, a esperança, a resiliência e a autoeficácia, variáveis que formam o construto do capital psicológico. A área do empreendedorismo traz algumas controvérsias quando busca identificar características do indivíduo empreendedor, discriminando empreendedores de não empreendedores, por meio de atitudes empreendedoras, ações, comportamentos e também algumas competências distintivas, visto que para ser caracterizado como empreendedor é preciso ter algumas qualificações que o diferencie de outros profissionais.

Baron e Shane (2011) apontam que a questão do reconhecimento da oportunidade é crucial no processo empreendedor, e que esse processo ocorre nas mentes de pessoas específicas, e que uma das variáveis que causam impacto nesse processo é percebida pela ação do próprio empreendedor, sobretudo quando age no nível individual, o que

<sup>1</sup> Doutorando em Administração. Universidade Nove de Julho – UNINOVE. [lucyano\\_lima@yahoo.com.br](mailto:lucyano_lima@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Psicóloga. Professora e Pesquisadora. Universidade Nove de Julho – UNINOVE. [vania.nassif@uol.com.br](mailto:vania.nassif@uol.com.br)

merece uma reflexão. Para Hisrich, Peters e Shepherd (2009) os empreendedores pensam de modo diferente de outras pessoas, além de raciocinar diferente quando estão realizando outra atividade ou quando estão em ambiente de decisão. Os autores argumentam que não é raro observar empreendedores que tomam decisões em ambientes altamente inseguros, com altos riscos, intensas pressões de tempo e com estado emocional alterado.

Nessa linha de pensamento do empreendedorismo que aborda o investimento emocional, a psicologia positiva pode contribuir ao apresentar as capacidades positivas instituídas pelo capital psicológico positivo ou simplesmente pelo capital psicológico (*PsyCap*), que produz um estado de acréscimo psicológico positivo em que a pessoa predispõe-se a: - apresentar uma elevada confiança para despende o esforço necessário para ser bem sucedida em tarefas desafiantes, - fazer atribuições positivas acerca dos acontecimentos que vão suceder no presente e no futuro, - manifestar perseverança em relação aos objetivos definidos, e, quando necessário, mostrar-se capaz de redirecionar os meios para atingir os fins e - revelar capacidade para recuperar de adversidades (Luthans, Youssef & Avolio, 2007; Luthans & Youssef, 2004).

Assim, diante destas reflexões este artigo teórico tem por objetivo trazer reflexões de possíveis convergências entre as características do indivíduo empreendedor e o construto do capital psicológico cujo intuito é o de abrir perspectivas para que pesquisadores dessa área possam desenvolver pesquisas empíricas, observando a existência de possíveis contribuições para a solidificação dos fenômenos. O artigo esta estruturado da seguinte forma: a primeira seção apresenta a revisão da literatura pertinente às variáveis a serem discutidas. A segunda seção apresenta uma reflexão entre indivíduo empreendedor e capital psicológico e finaliza realizando algumas considerações e apontando a necessidade de pesquisas empíricas sobre o tema abordado.

## **2 Referencial Teórico**

A revisão da literatura está ancorada em três áreas do conhecimento, compreendidas respectivamente, pelo comportamento organizacional positivo que busca expor a origem e as características dessa variável, seguida pelo capital psicológico que apresenta as capacidades positivas que compõem esse construto, e finaliza com conceitos e características que caracterizam o comportamento e o indivíduo empreendedor, apontando possíveis convergências entre as variáveis apresentadas. Buscando evidências sobre afinidade entre as áreas foi realizada uma busca junto à base de dados da Ebsco, Capes, Proquest procurando por estudos e pesquisas desenvolvidas que propiciaram investigar relações entre empreendedorismo e capital psicológico.

### **2.1 Comportamento Organizacional Positivo (Cop)**

Pesquisas desenvolvidas por Seligman e Csikszentmihaly (2000) apontam que o objetivo da psicologia positiva está em requerer uma mudança no foco da psicologia, alterando sua preocupação voltada apenas para eventos ruins da vida, visando construir qualidades positivas. É nesse enquadramento que se observa o surgimento de uma nova corrente dentro da psicologia intitulada como psicologia positiva, centrada nos estudos das forças, das virtudes e dos aspectos mais positivos da vida, com vista ao desenvolvimento da autorrealização e do significado de vida das pessoas já saudáveis e felizes. Nesse pensamento, Luthans (2002a, 2002b) foi o responsável pela agregação de

valor para a psicologia positiva organizacional, que, a partir da fundamentação do pensamento estabelecido por Seligman propõe a necessidade de uma verificação do comportamento organizacional positivo, estabelecendo uma relação, além do estilo popular de auto-ajuda, de variáveis que evidenciam o valor da psicologia positiva para as organizações. Assim de acordo com Luthans (2002a, p.59) o comportamento organizacional positivo é definido como “o estudo e aplicação dos pontos fortes, recursos humanos e capacidades psicológicas positivamente orientadas que podem ser medidas, desenvolvidas e geridas de forma eficaz para a melhoria do desempenho”.

Sob a perspectiva de Luthans, Youssef e Avolio (2007) existem alguns critérios específicos para que uma capacidade psicológica possa ser concebida pelo comportamento organizacional positivo, de tal forma que deve abarcar certas condições como: ser positivamente orientada, ser baseada na teoria e na investigação, ser mensurável, ser suscetível de desenvolvimento e melhoria além de ter um impacto demonstrado na melhoria do desempenho no contexto organizacional. Buscando clarificar esses critérios que são de grande importância para o entendimento do comportamento organizacional positivo o Quadro 1 apresenta esses conceitos de forma pontuada.

**Quadro 1 – Critérios do Comportamento Organizacional Positivo – COP**

Critérios	Descrição
Ser positivamente orientada	A capacidade psicológica tem de ter natureza positiva (de acordo com as definições existentes na literatura da Psicologia Positiva). Procura-se com este critério reconhecer e enfatizar o poder que a positividade pode ter no contexto organizacional.
Ser baseada na teoria e na investigação	O COP compromete-se com uma abordagem científica para inclusão e acumulação de um corpo de conhecimento sustentável com impacto para a liderança, para o desenvolvimento dos recursos humanos e para o desempenho. A inclusão deste critério permite assegurar que se está a trabalhar numa teoria que contribui ao longo do tempo para o crescimento sustentável e melhoria do desempenho das organizações.
Ser mensurável	A questão da medição sempre foi o ponto central da investigação e aplicação, científica de qualquer teoria. Para ter inclusão no COP, é necessário que existam instrumentos válidos e viáveis de medição da capacidade psicológica em questão.
Ser suscetível de desenvolvimento e melhoria	O movimento da Psicologia Positiva está repleto de traços de caráter e virtudes que têm impacto demonstrado no desempenho organizacional. Mas estes traços de personalidade tendem a exibir uma estabilidade considerável ao longo do tempo, o que torna difícil o seu desenvolvimento. O que se propõe com este critério e a inclusão de estados (não traços) de personalidade maleáveis, suscetíveis de desenvolvimento e melhoria. Este critério é apontado como fator diferenciador desta abordagem em face de um conjunto de concepções

Ter um impacto demonstrado na melhoria do desempenho no contexto organizacional

positiva existentes no domínio do comportamento organizacional.

É fundamental que a capacidade psicológica tenha claro e significativo impacto no desempenho dos indivíduos no contexto organizacional. Tendo em conta que nesta teoria apenas devem ser incluídas capacidades psicológicas suscetíveis de melhoria e desenvolvimento, tais capacidades podem ser geridas de forma a ter impacto positivo no desempenho dos indivíduos em contexto organizacional.

---

Fonte: Adaptado de Luthans, Youssef e Avolio (2007).

Para que uma capacidade psicológica possa ser incluída na concepção do comportamento organizacional positivo definida por Luthans é necessário que se verifiquem os critérios apresentados no Quadro 1. Inicialmente, para melhor traduzir a operacionalidade definida pelos critérios, foram identificadas capacidades psicológicas como a autoconfiança (ou autoeficácia), a esperança, o bem-estar subjetivo (ou felicidade), a resiliência e a inteligência emocional como estado que preenchem os critérios do comportamento organizacional positivo (Luthans, Avolio, Walumbwa & Li, 2005). Subsequentemente, a construção teórica, pesquisa e aplicações da teoria comportamento organizacional positivo focaram-se apenas em quatro capacidades psicológicas que formaram o construto do capital psicológico e são apresentadas e explicitadas no próximo tópico.

## 2.2 Capital Psicológico

O capital psicológico é um construto constituído por quatro capacidades psicológicas. Instituídas por capital psicológico positivo ou simplesmente por capital psicológico (*PsyCap*), que produz um estado de acréscimo psicológico positivo em que a pessoa assinala-se por: apresentar uma elevada confiança para despende o esforço necessário para ser bem sucedida em tarefas desafiantes, - fazer atribuições positivas acerca dos acontecimentos que vão suceder no presente e no futuro, - manifestar perseverança em relação aos objetivos definidos, e, quando necessário, mostrar-se capaz de redirecionar os meios para atingir os fins e - revelar capacidade para recuperar de adversidades (Luthans; Youssef & Avolio, 2007, Luthans & Youssef, 2004).

Assim de acordo com as capacidades psicológica descritas acima o capital psicológico abrange quatro competência distintas: autoeficácia, otimismo, esperança e resiliência, que segundo a construção teórica, pesquisa e aplicações da teoria do COP focaram-se apenas em quatro capacidades psicológicas por serem, segundo Luthans, Youssef e Avolio (2007), as que melhor cumpriam os critérios do COP. Dessa forma esclarece que as pessoas possuidoras de uma combinação saudável dessas quatro capacidades acreditam que podem enfrentar tarefas difíceis e que situações desafiadoras terão uma solução favorável, são persistentes e mudam de direção para conseguir seus objetivos e são capazes de tentar novamente e alcançar sucesso mesmo diante da adversidade. De um modo simples, os autores indicam que o PsyCap está relacionado com “quem somos” e “quem nos tornamos em termos de desenvolvimento positivo”. A Figura 1 apresenta o capital psicológico positivo e as quatro dimensões que formam esse construto, apesar do construto ser unidimensional.

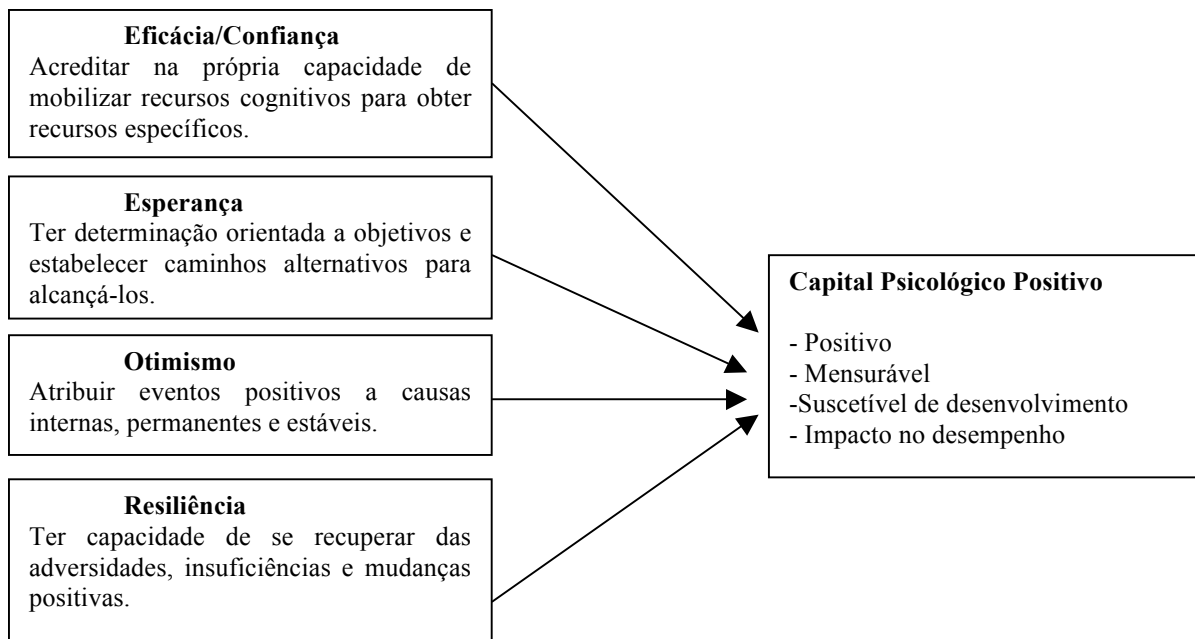


Figura 1 – Dimensões do Capital Psicológico Positivo  
Fonte: Adaptada de Page e Donohue (2004).

De acordo com a Figura 1 o capital psicológico positivo ou *PsyCap* constitui um construto de ordem superior que inclui capacidades psicológicas positivas centrais. A seguir será apresentada a definição dos quatro construtos que compõe o *PsyCap*, visto a necessidade de se ter uma teoria bem fundamentada para o melhor entendimento dos conceitos.

A autoeficácia é definida no modelo do capital psicológico segundo Luthans e Youssef (2004) como a confiança de se acreditar na própria capacidade de mobilizar recursos cognitivos para obter recursos específicos. Convergindo com esse conceito Bandura (1997, p. 03), definiu a autoeficácia percebida como “crenças nas capacidades do indivíduo para organizar e executar o curso de ação necessária para produzir algo”. Pessoas que são autoeficazes (autoconfiantes) primam por tarefas desafiadoras, estendendo motivação e esforço no cumprimento de seus objetivos, principalmente quando confrontados com obstáculos (Luthans & Youssef, 2004). Ainda nessa mesma perspectiva, Bandura, (1997), Stajkovic e Luthans (1998) apresentam como a convicção que uma pessoa detém relativamente à sua capacidade para mobilizar a motivação, os recursos cognitivos e os cursos de ação necessários para realizar com êxito uma tarefa específica num dado contexto. Pode-se concluir, em termos simples, que a autoeficácia oferece benefício ao indivíduo, abertura para enfrentar os desafios, e uma vontade de despender um esforço na busca de um resultado de sucesso (Page & Donohue, 2004).

O conceito de esperança tal como esclarece Luthans (2002), no contexto da Psicologia Positiva, e mais precisamente da teoria do capital psicológico, adquire um significado específico. Segundo Luthans, Youssef e Avolio (2007), no âmbito do capital psicológico a definição de esperança é desenhada a partir do trabalho de Robert Snyder, que sustenta a ideia de que a esperança é um estado cognitivo ou de pensamento através do qual um indivíduo é capaz de estabelecer expectativas e objetivos estimulantes, mas



realistas, e procurar atingi-los através da sua autodeterminação, energia e percepção de controle interno. Para, além disso, o autor considera ainda que, apesar de muitas vezes negligenciada na utilização comum do termo, outra componente da definição de esperança é o fato de as pessoas serem capazes de gerar caminhos alternativos para os objetivos que determinaram quando surgem obstáculos ou impedimentos aos inicialmente traçados. É precisamente este componente que distingue a esperança entendida no âmbito do capital psicológico, da utilização diária e comum do termo. De acordo com a perspectiva de Snyder, a esperança é assim um estado motivacional positivo baseado num sentido de sucesso resultante da interação de dois fatores: energia direcionada a determinados objetivos (designada por força de vontade ou *agency*) e planos para alcançar esses objetivos (*waypower* ou caminhos). A esperança é assim abarcada pela determinação individual para desenhar e manter as energias necessárias com vista a alcançar os objetivos delineados e pela habilidade em distinguir as ações alternativas para alcançar esses objetivos (Luthans, Avolio, Walumbwa, & Li, 2005).

O otimismo conforme referem Lopes, Cunha e Palma (2006) pode ser definido como uma crença generalizada que boas coisas acontecem no futuro. Luthans (2002b) define as pessoas otimistas como perseverantes perante obstáculos, satisfeitas, possuem elevado nível de ambição, determinam objetivos ambiciosos, além de serem facilmente motivadas ao trabalho, e ainda o defende como o conceito base do capital psicológico positivo. Contudo, para o PsyCap o otimismo é mais do que prever que coisas boas vão acontecer. Segundo Luthans, Youssef e Avolio (2007), a distinção entre otimismo e pessimismo no âmbito do PsyCap, está nas razões e atribuições que cada um faz para explicar o porquê de determinados eventos, sejam eles positivos ou negativos, passados, presentes ou futuros. A distinção entre otimismo, no âmbito do PsyCap, e a utilização diária do termo reside assim na forma como os indivíduos interpretam e explicam as causas de acontecimentos positivos e negativos (Lopes, Cunha & Palma, 2006).

A resiliência é definida pela *American Psychological Association* como o “processo e resultado de se adaptar com sucesso a experiências de vida difíceis ou desafiadoras, especialmente através da flexibilidade mental, emocional e comportamental e ajustamento a demandas externas e internas” (APA, 2010, p. 809). A resiliência definida no modelo do capital psicológico possui uma maior abrangência, apontada por Luthans, Avolio e Youssef (2007) como a capacidade de recuperação perante situações de adversidades, mas também perante eventos estimulantes indo além do esperado. O pensamento de Luthans, (2002a) Luthans e Youssef (2004) complementa este raciocínio ao atestar que indivíduos resilientes são portadores da capacidade de recuperação/superação da adversidade, incerteza, falha, e até mesmo da mudança positiva com tarefas que acarretam maior responsabilidade. Na psicologia a resiliência é utilizada para explicar superação de crises e adversidades em indivíduos, grupos e organizações. Luthans e Youssef (2004) afirmam que a resiliência pode ser desenvolvida em nível individual. Por outro lado, Sabbag (2012) a define como competência de indivíduos que fortalece, permite enfrentar e até aprender com adversidades e desafios. É uma competência porque pode ser aprimorada: reúne consciência, atitudes e habilidades ativadas nos processos de enfrentamento de situações em todos os campos da vida.

### 2.3 Indivíduo, Comportamento Empreendedor e Capital Psicológico

O comportamento empreendedor obteve os primeiros estudos centrados em suas características, nas variáveis de personalidade, demográficas e culturais. Dentro do campo da psicologia McClelland (1965) foi um dos precursores ao considerar a necessidade de realização como a característica mais distintiva da motivação para a realização. De acordo com McClelland (1965), a auto-realização é uma das características psicológica que fornece condições às pessoas de escolherem e persistirem em atividades que envolvem um padrão de excelência e/ou em tarefas desafiadoras. Em outro trabalho, McClelland (1986), introduz, ainda, entre as características de necessidade de realização, a iniciativa, a afirmação, a orientação para eficiência, o planejamento sistemático e o comprometimento com o trabalho.

Um indivíduo empreendedor é caracterizado pelo conjunto de ações inovadoras e transformadoras em qualquer atividade humana. Destaca-se pelo fato de romper com os modelos tradicionais e de criar novos modelos, novos processos e demais inovações. Hisrich, Peters, Shepherd (2009) argumentam que empreendedores pensam de forma diferente das outras pessoas, e que os mesmos podem em determinada situação raciocinar de modo diferente do que quando estão realizando outra atividade ou quando estão em um ambiente de decisões. Os autores apontam que é frequente os empreendedores tomarem decisões em ambientes altamente inseguros, com altos riscos, intensas pressões de tempo e considerável investimento emocional. E que às vezes, dada situação do ambiente de tomada de decisões de um empreendedor, ele precisa: executar, se adaptar de modo cognitivo e aprender com o fracasso.

A abordagem psicológica, behaviorista ou comportamental, representada por autores como McClelland (1972), procura identificar aspectos característicos dos empreendedores, por acreditar que existem traços de personalidade que são próprios destes indivíduos (Kets de Vries, 1997). Weber (1989) vê os empreendedores como inovadores, pessoas independentes, cujo papel de liderança nos negócios infere uma fonte de autoridade formal. Filion (1999, p. 19) o define como “uma pessoa criativa, marcada pela capacidade de estabelecer e atingir objetivos e que mantém alto nível de consciência do ambiente em que vive, usando-a para detectar oportunidades de negócios”. O autor relata algumas características dos empreendedores, como, por exemplo: a) têm sonhos realistas, ou visões, com cuja realização está comprometida; b) gastam tempo imaginando aonde querem chegar e como chegar; c) delegam e treinam seus empregados para lidar com o inesperado.

Estudiosos no assunto elaboraram uma relação das características para explicar quem é o empreendedor, e como ele pode ser reconhecido. Embora a literatura recente pontue que não apenas características revelam quem é esse ator social, mas por sua ação (Julien, 2010), ainda assim, é recorrente identificar o empreendedor por suas características. Algumas delas, por exemplo, ser visionário, saber tomar decisões (Baron e Shane (2007), fazer a diferença e explorar ao máximo as oportunidades (Shane e Venkataraman (2000); ser determinado, dinâmico, dedicado, otimista e apaixonado pelo que faz (Julien, 2010, Brancher et al. 2012, Brush, 2002), ser independente e construir seu próprio destino (Bruyat & Julien (2001), Bygrave et al. (1991), ser organizado, líder, formador de equipe e bem relacionado (Kirzner, 1973), possuir conhecimento, assumir riscos calculados, criar valor para a sociedade e planejar muito (Bhidé, 2004).

Tantas características necessárias ao empreendedor de sucesso geram um questionamento relacionado ao seu desenvolvimento: se ele nasce com estas características ou se as aprende com o tempo. Existe grande debate a respeito, com perspectivas e considerações bem diferentes (Morrison, 1998). Em uma das abordagens, a característica empreendedora é apresentada como nata, isto é, pressupõe que a capacidade empreendedora, a habilidade para correr riscos e o desejo de criar um negócio são próprias do indivíduo, ou seja, o empreendedor nasce com estas características. Isto pode ser exibido na forma de traços de personalidade que diferenciam os empreendedores dos demais. Alguns exemplos de traços genéticos associados ao empreendedorismo são: autoconfiança, motivação pessoal, criatividade, independência, liderança, propensão a correr riscos (Honma, 2007). Esta abordagem não foi suficiente para sustentar os pressupostos que estudam o empreendedor. O empreendedorismo ainda pode ser cultural e experientialmente adquirido e a capacidade empreendedora pode ser influenciada por intervenções da educação e de treinamento (Garavan & O'cinneide 1994). Fillion (1999), Bohnenberger, Schmidt e Freitas (2007), Bygrave (2004) concordam no que diz respeito à influência da família no perfil empreendedor e, conseqüentemente, na criação de novas empresas porque, para eles, as pessoas apresentam mais chances de se tornarem empreendedoras se houver um modelo na família ou no seu meio.

O empreendedor tem como característica básica o espírito criativo e pesquisador. Ele está constantemente buscando novos caminhos e novas soluções. O pensamento criativo para Oech (1995) supõe uma atitude, uma perspectiva que leva a procura de ideias, a manipulação de conhecimentos e experiências. O indivíduo ao adotar uma perspectiva criativa tanto se abre para novas possibilidades como para mudança. Na linha da criatividade caminha a inovação. O processo de criatividade inspira a constante inovação para os empreendedores. A inovação segundo Drucker (1986, p. 25) “é o instrumento específico dos empreendedores, o meio pelo qual eles exploram a mudança como uma oportunidade”. Fillion (1999) aponta que um empreendedor é uma pessoa imaginativa distinguida pela capacidade de estabelecer e alcançar objetivos.

Na busca de entendimento para aspectos característicos dos empreendedores, a autoeficácia tem sido e continua a ser uma das variáveis psicológica fundamental no estudo do comportamento empreendedor, tanto em seu poder preditivo sobre a intenção de criar uma nova empresa (Boyd & Vozikis, 1994, Linan & Chen, 2009, Pihie, 2009, Zhao, Hills & Siebert, 2005), e sua capacidade de diferenciar entre os empreendedores e não empreendedores (Markman, Balkin & Baron, 2002).

Buscando evidências que relaciona o campo do empreendedorismo do comportamento organizacional positivo, com a finalidade de explorar aspectos convergentes entre as características e/ou comportamento empreendedor com as variáveis que formam o capital psicológico, foi realizado um levantamento junto à base de dados da EBSCO, CAPES e PROQUEST, utilizando palavras-chave mescladas como: empreendedor / capital psicológico, empreendedorismo / capital psicológico, empreendedorismo / psicologia positiva, empreendedorismo / comportamento organizacional positivo, entre outras combinações dos termos.

A busca foi realizada tanto no idioma Português como no idioma Inglês o que resultou em estudos apenas no contexto internacional conforme apresentado no Quadro 2.



Quadro 2 – Estudos que relacionaram Empreendedorismo e Comportamento Organizacional Positivo.

Autor/Ano	Título do Estudo
ZHAO, SEIBERT, HILLS (2005)	The Mediating Role of Self-Efficacy in the Development of Entrepreneurial Intentions.
MARKMAN, BARON, BALKIN (2005)	Are Perseverance and Self-Efficacy Costless? Assessing Entrepreneurs' Regretful Thinking.
JENSEN, LUTHANS (2006)	Relationship between Entrepreneurs' Psychological Capital and Their Authentic Leadership.
PALMA, CUNHA, LOPES (2007)	Comportamento Organizacional Positivo Empreendedorismo: Uma Influência Mutuamente Vantajosa.
IZQUIERDO, BUELENS (2008)	Competing Models of Entrepreneurial Intentions: The Influence of Entrepreneurial Self-Efficacy and Attitudes.
JAMES, GUDMUNDSSON (2011)	Exploring the impact of Entrepreneur Optimism and the New Venture Creation Process.
HAYEK (2012)	Control Beliefs and Positive Psychological Capital Can Nascent Entrepreneurs Discriminate Between What Can and Cannot be Controlled?
TORRES, WATSON (2012)	An Examination of the Relationship of Manager Self-Efficacy to Entrepreneurial Intentions and to Performance in Mexican Small Businesses.

Fonte: Desenvolvido pelos autores.

O Quadro 2 apresenta estudos que relacionaram o empreendedorismo com variáveis que compõe o campo de estudos da psicologia positiva, do comportamento organizacional positivo e do capital psicológico. Estes estudos investigaram relações entre variáveis com vistas a trazer contribuições que fortaleça o entendimento sobre empreendedorismo.

Estudo desenvolvido por Zhao, Seibert e Hills (2005) objetivou investigar o papel mediador da autoeficácia no desenvolvimento de intenções empreendedoras. Os autores utilizaram modelagem de equações estruturais com uma amostra de 265 mestres de estudantes de administração de empresas em cinco universidades. Os resultados mostraram que os efeitos da aprendizagem percebida de cursos relacionados com o empreendedorismo, experiência empreendedora anterior, propensão ao risco e intenções empreendedoras foram totalmente mediadas por autoeficácia empreendedora.

Markman, Baron e Balkin (2005) investigaram a perseverança e a autoeficácia no desenvolvimento de novos negócios visando verificar se empreendedores e não empreendedores se diferem em tais atributos. Além disso, se altos níveis de perseverança e autoeficácia ajudam empreendedores a superar contratempos, empecilhos e obstáculos. O estudo utilizou uma amostra aleatória de 217 inventores de patentes na indústria de dispositivos médicos (cirurgia) para abordar as questões. Os

resultados indicaram que os empreendedores apresentaram uma pontuação significativamente maior na autoeficácia e em dois aspectos distintos de controle perseverança, percepção sobre a adversidade e responsabilidade percebida em relação à evolução da adversidade, do que os não empreendedores.

Estudo desenvolvido por Jensen & Luthans (2006) analisou a relação entre capital psicológico e sua auto percepção de autêntica liderança. Utilizou uma amostra de 76 fundadores de negócios de pequenas organizações relativamente novas. Os resultados apontaram um impacto positivo na relação entre capital psicológico de empreendedores e auto-percepção de autêntica liderança, exaltando que o capital psicológico se mostrou preditor na relação entre as variáveis. Em particular, os resultados iniciais também assinalaram que uma maior atenção seja dada as forças psicológicas e liderança autêntica que pode permitir empreendedores, não só sobreviver, mas prosperar dentro de um ambiente de desafio.

Com base no levantamento realizado nas duas áreas, o estudo de Palma, Cunha & Lopes (2007) procurou estabelecer sinergia entre o comportamento organizacional positivo e o empreendedorismo, de modo a contribuir para um desenvolvimento mais sustentado de ambas as disciplinas. Por influência da literatura sobre empreendedorismo, o comportamento organizacional positivo pode beneficiar-se com a introdução de uma maior preocupação com o impacto societal, de uma abordagem integrada e de uma perspectiva temporal no estudo das capacidades psicológicas. A investigação sobre empreendedorismo pode ficar mais favorecida ao evidenciar o uso de critérios de êxito mais claros, a preocupação com o rigor metodológico e a utilidade de uma visão desenvolvimentista dos empreendedores, todas elas evidenciadas nos estudos do comportamento organizacional positivo.

Izquierdo & Buelens (2008) desenvolveram estudo que testou dois modelos, explicando como educação para o empreendedorismo pode ter um efeito de intenções empreendedoras através do impacto sobre atitudes e autoeficácia. Os dados foram coletados a partir de 236 estudantes que foram expostos a um curso de empreendedorismo. Enquanto no modelo 1 atitudes e autoeficácia são positivamente relacionado com intenções de criação de novas empresas, no modelo 2 atitudes mediou entre autoeficácia e intenções empreendedoras. Os resultados indicaram que as atitudes têm uma relação mais forte com intenções empreendedoras no modelo 2.

Por meio da integração de duas abordagens teóricas na pesquisa sobre empreendedorismo, a psicologia do empreendedor e o processo do empreendedorismo, James e Gudmundsson (2011) propõem no seu estudo um novo modelo conceitual examinando comportamento empreendedor e emoção através do processo de desenvolvimento do novo empreendimento. A investigação existente a nível macro do processo de criação de um novo empreendimento reconhece o empreendedor como um agente central no processo, contudo geralmente ainda evita, em cada fase do processo, um exame das experiências psicológicas de nível micro do empreendedor individual. Da mesma forma, a pesquisa que examina as diferenças individuais comportamentais do empreendedor individual tem negligenciado a explorar sistematicamente a emoção e o comportamento do empreendedor em todo o ciclo do processo de criação do novo empreendimento. Os autores propõem uma estrutura conceitual que integra a fase de

exploração do processo de criação do novo empreendimento com o otimismo elemento do capital psicológico e comportamento do empreendedor individual.

Para Hayek (2012) os empreendedores foram retratados em uma luz positiva, como sendo sonhadores, identificador de oportunidade, resilientes, otimistas, e autoconfiantes. A busca por compreender a lente através da qual empreendedor emergente aproxima ou percebem oportunidades é uma pedra angular da pesquisa sobre empreendedorismo transportando implicações práticas significativas. Um passo importante na compreensão de como os empreendedores emergentes percebem oportunidades é através da compreensão de sua percepção de controle sobre seu ambiente. Embora as variáveis que forma o construto capital psicológico, esperança, resiliência, otimismo e autoeficácia serem todas características reverenciadas e altamente associadas com os empreendedores, são necessários despendar atenção às consequências destas se aplicadas a situações em que o indivíduo tem um senso deslocado de controle.

O estudo de Torres e Watson (2012) amplia a investigação sobre a relação entre autoeficácia, desempenho e intenção empreendedora. Chen, Greene e Creek (1998) citado pelos autores acima propuseram um construto para predizer a probabilidade de o indivíduo ser empreendedor, sendo testado em amostras paralelas de estudantes, proprietários e executivos de pequenas empresas. O constructo consiste de cinco fatores: mercado, inovação, assumir riscos e controle financeiro. O estudo pretendeu validar o referido construto com uma amostra de pequenas empresas de uma pequena cidade do centro oeste do México. Os resultados apontaram convergência em três fatores que parecem estar relacionados com a dificuldade ou a complexidade da tarefa. Tais fatores oferecem uma explicação do desempenho percebido do negócio, assim como as intenções empreendedoras dos proprietários e gerentes das empresas.

Através dos estudos relatados ficam evidentes como as pesquisas no campo do empreendedorismo têm buscado testar relações entre diferentes variáveis visando buscar maiores entendimentos que auxiliem tanto na solidificação do processo do empreendedorismo como de clarificações sobre o comportamento que caracteriza um indivíduo como empreendedor. As capacidades psicológicas positivas que formam o capital psicológico são mencionadas na maioria dos trabalhos evidenciando um caminho a ser investigado com maior profundidade.

### **3 Discussão**

Esta seção levanta alguns pontos que na visão dos pesquisadores apresentam algumas aproximações que causam inquietações e podem ser pontos de reflexão entre a área do empreendedorismo com as características que apontam um indivíduo como empreendedor e a área do comportamento organizacional positivo através das capacidades positivas que compõe o capital psicológico.

Como apresentado na base teórica um indivíduo de forma geral para ser caracterizado como empreendedor deve apresentar características distintas como: ser inovador, ser uma pessoa independente, ter habilidade para a liderança, apresentar nível de criatividade satisfatório, capacidade de estabelecer e atingir objetivos, capacidade de detectar oportunidades de negócios entre outras. Para o capital psicológico positivo segundo Luthans, Youssef e Avolio (2007) as pessoas possuidoras de uma combinação saudável das quatro capacidades positivas que formam o constructo acreditam que

podem enfrentar tarefas difíceis e que situações desafiadoras terão uma solução favorável, são persistentes e mudam de direção para conseguir seus objetivos e são capazes de tentar novamente e alcançar sucesso mesmo diante da adversidade.

McClelland (1986) introduz no comportamento empreendedor entre as características de necessidade de realização, a iniciativa, a afirmação, a orientação para eficiência, o planejamento sistemático e o comprometimento com o trabalho. Segundo Luthans, Youssef e Avolio (2007), no âmbito do capital psicológico a definição de esperança é desenhada a partir do trabalho de Robert Snyder, que sustenta a ideia de que a esperança é um estado cognitivo ou de pensamento através do qual um indivíduo é capaz de estabelecer expectativas e objetivos estimulantes, mas realistas, e procurar atingi-los através da sua autodeterminação, energia e percepção de controle interno. Outra componente da definição de esperança é o fato de as pessoas serem capazes de gerar caminhos alternativos para os objetivos que determinaram quando surgem obstáculos ou impedimentos aos inicialmente traçados.

Filion (1999) aponta que um empreendedor é uma pessoa imaginativa distinguida pela capacidade de estabelecer e alcançar objetivos. O autor relata algumas características dos empreendedores, como, por exemplo: a) têm sonhos realistas, ou visões, com cuja realização está comprometida; b) gastam tempo imaginando aonde querem chegar e como chegar; c) delegam e treinam seus empregados para lidar com o inesperado. A autoeficácia é definida no modelo do capital psicológico segundo Luthans e Youssef (2004) como a confiança de se acreditar na própria capacidade de mobilizar recursos cognitivos para obter recursos específicos. Convergindo com esse conceito Bandura (1997, p. 03), definiu a autoeficácia percebida como “crenças nas capacidades do indivíduo para organizar e executar o curso de ação necessária para produzir algo”. Pessoas que são autoeficazes (autoconfiantes) primam por tarefas desafiadoras, estendendo motivação e esforço no cumprimento de seus objetivos, principalmente quando confrontados com obstáculos (Luthans & Youssef, 2004).

Na busca de entendimento para aspectos característico dos empreendedores, a autoeficácia tem sido e continua a ser uma das variáveis psicológicas fundamental no estudo do comportamento empreendedor, tanto em seu poder preditivo sobre a intenção de criar uma nova empresa (Boyd & Vozikis, 1994; Linan & Chen, 2009; Pihie, 2009; Zhao, Hills & Siebert, 2005), e sua capacidade de diferenciar entre os empreendedores e não empreendedores (Markman, Balkin & Baron, 2002).

Hisrich, Peters, Shepherd (2009) argumentam que empreendedores pensam de forma diferente das outras pessoas, e que os mesmos podem em determinada situação raciocinar de modo diferente do que quando estão realizando outra atividade ou quando estão em um ambiente de decisões. Os autores apontam que é frequente os empreendedores tomarem decisões em ambientes altamente inseguros, com altos riscos, intensas pressões de tempo e considerável investimento emocional. Uma das variáveis que compõe o capital psicológico é a resiliência. Indivíduos resilientes para (Luthans, 2002a; Luthans & Youssef, 2004) são portadores da capacidade de recuperação/superação da adversidade, incerteza, falha, e até mesmo da mudança positiva com tarefas que acarretam maior responsabilidade. Na psicologia a resiliência é utilizada para explicar superação de crises e adversidades em indivíduos, grupos e organizações.

Uma relação das características dos empreendedores apresentadas por diferentes autores, apresentam sinergia com um dos constructos apresentado por Lopes, Cunha e Palma (2006), o otimismo que pode ser definido como uma crença generalizada que boas coisas acontecem no futuro. Luthans (2002b) define as pessoas otimistas como perseverantes perante obstáculos, satisfeitas, possuem elevado nível de ambição, determinam objetivos ambiciosos.

#### ***4 Considerações Finais***

O objetivo desse artigo teórico foi o de propiciar reflexões através das teorias e levantar possíveis convergências entre as características do indivíduo empreendedor e o constructo do capital psicológico, cujo intuito foi o de abrir perspectivas para novas pesquisas empíricas área, procurando convergir as variáveis e assim, ampliar a base teórica para novos estudos. Da mesma forma, as convergências demonstradas entre os pressupostos das teorias podem contribuir para a solidificação dos estudos destes fenômenos.

Através dos estudos apresentados fica evidente que as pesquisas no campo do empreendedorismo têm procurado testar relações entre diferentes variáveis em busca de entendimentos que auxiliem tanto na solidificação do processo do empreendedorismo como na clarificação sobre o comportamento que caracteriza um indivíduo como empreendedor. As capacidades psicológicas positivas que formam o capital psicológico são mencionadas na maioria dos trabalhos evidenciando um caminho a ser investigado com maior profundidade.

As capacidades psicológicas que formam o constructo do capital psicológico, autoeficácia, esperança, otimismo e resiliência apresentam pontos de aproximação com várias características que elegem um indivíduo como empreendedor.

Esta investigação carece de estudos empíricos, sobretudo no contexto brasileiro, que ainda evidenciamos carências de pesquisas que convergem estas duas áreas, e ainda são poucas aquelas encontradas no âmbito internacional.

Assim, pesquisas empíricas buscando investigar evidências entre indivíduo empreendedor e níveis de capital psicológico podem trazer contribuições ao campo de estudos das duas áreas.

#### ***Referências***

American Psychological Association - APA. (2010). *Dicionário de psicologia* da APA. Porto Alegre: Artmed.

Bandura, A. (1995). *Autoeficácia: como afrontamos los cambios de la sociedad actual*. (trad.). Bilbao: Desclée de Brouwer.

Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. New York: Freeman. New York: Freeman.

Baron, R. A. (1998). Cognitive mechanisms in entrepreneurship: why and when entrepreneurs think differently than other people. *Journal of Business Venturing*, 13.



- Baron, R. A. & Shane, M. S. A. (2007). *Empreendedorismo: uma visão do processo*. São Paulo: Thomson Learning.
- Bhidé, A. (2004). Como os empreendedores constroem estratégias que dão certo. In: *Empreendedorismo e estratégia. Harvard Business Review*. Trad. Fábio Fernandes. Rio de Janeiro: Campus.
- Bohnenberger, M. C., Schmidt, S., & Freitas, E. C. (2007). A influência da família na formação empreendedora. In: *ENANPAD 2007. Anais...* Rio de Janeiro/RJ.
- Boyd, N. G., & Vozikis, G. S. (1994). The Influence of Self-Efficacy on the Development of Entrepreneurial Intentions and Actions. *Entrepreneurship Theory & Practice*, Summer.
- Brancher, I. B., Oliveira, E. M., & Roncon, A. (2012). Comportamento empreendedor: estudo bibliométrico da produção nacional e a influência de referencial teórico internacional. *Internext – Rev. Elet. Negócios Internacionais da ESPM* v. 7, n. 1, pp. 166-193.
- Bygrave, W. D. (2004). The Entrepreneurial Process. In Bygrave, W. D. & Zacharakis, A. *The Portable MBA in Entrepreneurship*. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.
- Drucker, P. F. (1986) *Innovation and entrepreneurship: Practice and principles* (Perennial Library ed.). New York: Harper & Row.
- Filion, L. J. (1991). O Planejamento do seu sistema de aprendizagem empresarial: identifique uma visão e avalie o seu sistema de relações. *Revista de Administração de Empresas \_ RAE*, São Paulo, v. 31, n. 3.
- Filion, L. J. (1999). Empreendedorismo: Empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. *Revista de Administração*, São Paulo, v.34, n.2.
- Garavan, T., & O'cinneide, B. (1994). Entrepreneurship education and training programs: A review of and evaluation. *Journal of European Industrial Training*, v. 8, n. 8, pp. 3-12.
- Gartner, W. B. (1985). Entrepreneurs and entrepreneurship: process versus content approaches. *Unpublished manuscript*, Georgetown University.
- Gartner, W. B. (1996). Psychological factors in success at getting into business. *Frontiers of Entrepreneurship Research*. Massachusetts: Babson College.
- Hayek, M. (2012). Control Beliefs and Positive Psychological Capital: Can Nascent Entrepreneurs Discriminate Between What Can and Cannot be Controlled? *Journal of Management Research*, vol. 1.
- Hisrich, R. D., Peters, M. P., & Shepherd, D. A. (2009). *Empreendedorismo*. Tradução: Teresa Cristina Felix de Sousa. 7ª Edição. Porto Alegre: Bookman.
- Honma, E. T. (2007). *Competências empreendedoras: Estudo de casos múltiplos no setor hoteleiro em Curitiba*. 2007. (Dissertação de Mestrado) - UFPR – Universidade Federal do Paraná.

- Izquierdo, E. & Buelens, M. (2008). Competing models of entrepreneurial intentions: the influence of entrepreneurial self-efficacy and attitudes. *International Journal of Entrepreneurship and Small Business* 13 (1).
- James, N. & Gudmundsson, A. (2011). Exploring the impact of entrepreneur optimism on the new venture process. In Maritz, Alex (Ed.) Proceedings of the 8th AGSE International *Entrepreneurship Research Exchange*, Swinburne University of Technology, Melbourne, Vic.
- Jensen, S. M., & Luthans, F. (2006). The Relationship Between Entrepreneurs' Psychological Capital and Authentic Leadership Dimensions. *Journal of Managerial Issues*, 18 (2).
- Julien, P. A. (2010). *Empreendedorismo regional e a economia do conhecimento*. São Paulo: Saraiva.
- Kets de Vries, M. F. R. (1997). *Liderança na empresa: Como o comportamento dos líderes afeta a cultura interna*. São Paulo: Atlas.
- Kirzner, I.M. (1973). *Competition and entrepreneurship*. Chicago: Chicago University Press.
- Liñán, F., & Chen, Y.W. (2009). Development and cross-cultural application of a specific instrument to measure entrepreneurial intentions. *Entrepreneurship Theory and Practice* 33.
- Lopes, M. P., Cunha, M. P. & Palma, P. J. (2006). Positive psychological capital: Distinguishing profiles and their impact on organizational climate. *Working Paper ISPA*.
- Luthans, F. (2002a). The need for and meaning of positive organizational behavior. *Journal of Organizational Behavior*, v.23, p. 695-706.
- Luthans, F. (2002b). Positive organizational behavior: Developing and managing psychological strengths. *Academy of Management Executive*, v.16, n.1, p. 57-75.
- Luthans, F. & Youssef, C. M. (2004). Human, social, and now positive psychological capital management: Investing in people for competitive advantage. *Organizational Dynamics*, v. 33, n. 2
- Luthans, F., Avolio, B. J., Walumbwa, F. O. & Li, W. (2005). The psychological capital of Chinese workers: exploring the relationship with performance. *Management and Organization Review*.
- Luthans, F., Youssef, C., & AVOLIO, B. (2007). *Psychological Capital: Developing the Human Competitive Edge*. New York: Oxford University Press.
- Markman, G. D., Baron, R. A., & Balkin, D. B. (2005). Are perseverance and self-efficacy costless? Assessing entrepreneurs' regretful thinking. *Journal of Organizational Behavior*, 26(1).
- McClelland, D. C. (1965). Achievement Motivation Can Be Developed, *Harvard Business Review* 43.

McClelland, D. C. (1972). Business Drive and National Achievement. *Harvard Business Review*, July-August, p.99-112.

McClelland, D. C. (1986). Characteristics of successful entrepreneurs. In Keys to the Future of American Business, Proceedings of the Third Creativity, Innovation, and Entrepreneurship Symposium. Framingham, MA: U. S. *Small Business Administration and the National Center for Research in Vocational Education*.

Morrison, A. (Ed.). (1998). *Entrepreneurship: An international perspective*. Oxford: Butterworth-Heinemann.

Page, L. F. & Donohue, R. (2004). Positive psychological capital: a preliminary exploration of the construct. Monash University, *Business and Economics*. Working Paper 51/04. October.

Palma, P.J., Cunha, M.P., & Lopes, M.P. (2007). Comportamento organizacional positivo e empreendedorismo: Uma influência mutuamente vantajosa. *Comportamento Organizacional e Gestão*, 12(1).

Pihie, Z. A. L. (2009). Entrepreneurship as a career choice: An analysis of entrepreneurial Self-Efficacy and intention of university students. *European Journal Of Social Sciences*. 9(2).

Sabbag, P. Y. (2012). *Resiliência competência para enfrentar situações extraordinárias na sua vida profissional*. Ed. Campus.

Seligman, M. P. & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive Psychology: An introduction. *American Psychologist*, 55 (1), 5-14.

Stajkovic, A., & Luthans, F. (1998). Self-efficacy and work-related performance: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, v.124, p.240-261.

Torres, J. L. N., & Watson, W. (2012). An Examination of the Relationship of Manager Self-Efficacy to Entrepreneurial Intentions and to Performance in Mexican Small Businesses. *Contaduría y Administración*.

Weber, M. (1989). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira.

Zhao, H., Seibert, S. E., & Hills, G. E. (2005). The mediating role of self-efficacy in the development of entrepreneurial intentions. *Journal of Applied Psychology*